

A PEDRA QUE CAIU DO CÉU E FOI PARA A LITERATURA DE CORDEL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O METEORITO DE BENDEGÓ

Regina Maria Macedo da Costa Dantas

Doutoranda HCTE/UFRJ

rgn.dantas@gmail.com

Ricardo Silva Kubrusly

Professor HCTE/UFRJ

riskuby@gmail.com

INTRODUÇÃO

Durante a realização da pesquisa de doutoramento sobre a participação do Museu Nacional na Exposição Universal de Paris em 1889, ao analisar os objetos que foram enviados para a mostra francesa, um deles mereceu análise mais detalhada – o meteorito de Bendegó.

O fragmento de meteorito, que pesa aproximadamente 5.360 kg, foi encontrado em 1784 há 35 km da cidade de Monte Santo, no interior da Bahia¹. No entanto, em 1811, o químico A. F. Mornay, contratado pelo governo da Bahia para realizar estudos a fim de encontrar fontes de água mineral, interessou-se pelo “mistério daquela pedra diferente”. Retirou pedaços da pedra e os enviou para a Sociedade Geológica Real de Londres para serem analisados por William Hyde Wollaston, que referendou a autenticidade do meteorito².

Em um Brasil ainda colonial, em 1820, o meteorito às margens do rio Bendegó recebeu visita dos naturalistas Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868), botânico e de Johann Baptist Von Spix (1781-1826), zoólogo (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 234). Entretanto, somente a partir de 1883, por meio da atuação de Orville Adelbert Derby (1851-1915), diretor da Seção de Mineralogia do Museu Nacional, o governo imperial passou a ter preocupação em relação ao abandono do meteorito em local distante da Corte, pois o mineralogista alertava sobre o perigo “daquela pedra grande ser coberta por terra (RANGEL, 2009, p. 18).

O diretor do Museu Nacional, Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) fortaleceu os alertas de Derby quanto à necessidade de transportar o Bendegó para a Corte a fim de serem realizadas análises sobre o fragmento e para o meteorito ser exposto na instituição. As providências

para o deslocamento do Bendegó para o Rio de Janeiro aconteceu ainda quando D. Pedro II (1825-1891) estava em Paris, em 1886, ao receber por meio de membros da Academia de Ciências de Paris, a solicitação da transferência de Bendegó a um museu.

No ano seguinte, foi nomeada uma comissão, pela Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro para coordenar os trabalhos referentes ao transporte do meteorito do interior da Bahia para a Corte do Rio de Janeiro. Trazendo o foco para nossa pesquisa, a mesma Sociedade, com o apoio do Governo Imperial, empenhou esforços para enviar uma réplica em madeira para figurar no pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Paris em 1889. Naquela ocasião, o Bendegó representava o maior meteorito do mundo exposto em um museu.

UM FRAGMENTO DE CUNHO CIENTIFICO

Sabrina D. Silva em sua pesquisa sobre o Bendegó destaca que a “identificação da anteriormente denominada “pedra” como um meteorito por uma Sociedade européia de Geologia no século XIX marcou sua inserção nos ‘discursos’ da ciência.” Portanto, toda uma “formação discursiva” oriunda da divulgação da autenticidade do meteorito culminou em sua transferência para o Museu Nacional em 1888. (SILVA, 2010, p. 113).

Ao acompanharmos os documentos existentes na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/SEMEAR proporcionam o acompanhamento da chegada do meteorito, como por exemplo, o *Auto de recebimento do meteorito de Bendegó no Museu Nacional do Rio de Janeiro*³, registra que o material foi transportado ao meio dia de 27 de Novembro de 1888 para esta capital, “pela comissão encarregada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, composta do cidadão José Carlos de Carvalho [Tenente da Marinha de Guerra] e dos engenheiros Umberto Saraiva Antunes e Vicente José de Carvalho Filho.”⁴

Nos livros de Ofícios da instituição constam informações sobre as despesas de seu transporte da Bahia para o Rio de Janeiro: custeado pelo Barão de Guahy (Joaquim Elysio Pereira Marinho) até a estação mais próxima da Estrada de Ferro da Bahia de São Francisco; auxílios indiretos do Governo Imperial e os serviços gratuitos tanto da Companhia Inglesa da estrada de ferro quanto do vapor “Arlindo”.⁵

A notícia da chegada do meteorito de Bendegó ao Museu é também registrada no Relatório do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1888:

... é o holosidero do Bendegó o maior de quantos existem em museus e outros estabelecimentos. Toda a imprensa científica do mundo tem dado a

este facto a importância que realmente merece, tanto mais que a estrutura interior da colossal massa de ferro meteórico apresenta particularidades dignas de nota e de estudo (RELATÓRIO MINISTERIAL, 1888, p. 46).

Cabe registrar que se encontra na Biblioteca Central do Museu Nacional o relatório da de José Carlos de Carvalho, feito em 1888, sobre o complexo trabalho da expedição para a remoção do meteorito de Bendegó.⁶

A chegada da Comissão com o meteorito à Corte do Rio de Janeiro foi um evento que contou com a presença da Princesa Isabel (1846-1921). No Arsenal de Marinha⁷ foi feito um corte para estudo de 60 kg, que posteriormente foi enviado para 14 museus do mundo⁸. Ainda no Arsenal foi confeccionada uma réplica em madeira para representar o meteorito no Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Paris em 1889.

Em 1893, Stanislaw Meunier, responsável pela coleção de meteoritos do Museu de História Natural de Paris publicou um artigo destacando a relevância da presença da réplica no Pavilhão do Brasil no evento de 1889 e registrou que a mesma estava na galeria de meteoritos sob sua responsabilidade. (STANISLAU, 1893 *apud* DERBY, 1895, p. 97).

Durante o período de 1888 até 1892, o meteorito de Bendegó esteve no Museu Nacional (no Campo de Santana) e, posteriormente, foi para o antigo Paço de São Cristóvão por ocasião da transferência do Museu Nacional do Centro para a Quinta da Boa Vista.

Enquanto isto, a réplica em madeira enviada para a França, com o objetivo de compor o certame parisiense de 1889, foi solicitada ao diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto (1838-1894) para permanecer na Europa, após o término da Exposição Universal, e figurar no Museu de História Natural de Paris (depois foi para o *Palais de La Découverte*).

Em análises apresentadas por Marcomedes R. Nunes a espessura e a distribuição “das *lamelas* [lâminas finas] determinam a classificação de um meteorito que, no caso do Bendegó, é um octaedrito grosseiro, pois as *lamelas* apresentam uma espessura média de 1,8 mm”.

Composição de Bendegó

Ferro	Níquel	Cobalto	Fósforo	Carbono
92,5%	6,52 %	0,46 %	0,22 %	0,1 &

Fonte: Marcomedes Rangel Nunes, 2009, p. 47.

Portanto, o Bendegó é um tipo de meteorito *siderito*, pois é constituído de 90 % de ferro. Estudiosos das expedições já realizadas⁹, conseguiram identificar as coordenadas geográficas com objetivo de precisar e elaborar um mapa da localização do achado do meteorito e realizaram um levantamento geomagnético no local, na tentativa de encontrar outros pedaços do meteorito. (NUNES, 2009, p. 47-48).

Os fragmentos do Bendegó identificados em museus, estão em: Munique/3,675 kg; Londres/2,491 kg; Viena/2,317 kg; Berlim/0,19 kg; Erlanger/0,18 kg e Copenhague/0,5 kg.

Uma das reflexões das quais os cientistas se debruçam sobre os meteoritos diz respeito ao fator tempo. Os estudiosos partem da hipótese de que um meteorito vaga pelo espaço por aproximadamente um bilhão de anos até ser arremessado do corpo original e atraído pela força da gravidade terrestre (CARVALHO, 1995).

Cabe ressaltar que um meteorito maior que Bendegó foi identificado dez anos depois, o *Cape York* de 36 toneladas, exposto no Museu de História Natural de Nova York e o maior do mundo (não exposto em museu) encontra-se na Namíbia, África e não pode ser removido.

AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DO METEORITO

Nas frestas do céu pedra preta distante
vê-se o azulandinho das estrelas
luzindo memórias
riscando histórias
esvoaçando distâncias
risco de ser e de não ser destino
pedaços de céus desgovernados
arranhando o redondo das cabeças
furando o chão serrado incandescente
ilumina enfim vermelho um céu distante
de lado e de lado virado
um céu na terra
desassossegado
no estrondo da terra
partido como verdades em pedaços
homem em pedaços de um deus em pedaços
de um deus menininho
ossos de alma preta
repleta de um deus menininho pousado
no verde emaranhado dos cabelos
na terra da terra e seus pensamentos
nas dobras mais profundas das perguntas
nos repetidos volteios nas ranhuras nos veios
na invenção das palavras
no caos nas construções e nos caminhos
voando como montanhas em sonhos
pousado no espaço derretido e paciente dos relógios
risco de ser e de não ser destino

Risk

O Museu Nacional foi escolhido para receber o maior aerólito exposto em um museu no mundo (considerado na ocasião de seu transporte para a Corte), por representar o principal espaço de pesquisa científica na época e devido ao envolvimento de alguns estudiosos da instituição na articulação da transferência do meteorito, além de membros da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. (SILVA, 2010, p. 113).

Ao término do século XIX, em diferentes décadas da história da instituição, identificamos a utilização do Bendegó como símbolo, entre continuidades e descontinuidades, representando a instituição. Um exemplo emblemático foi a passagem de Albert Einstein pelo Museu Nacional, em 1925, fotografado ao lado do meteorito e acompanhado de representantes do Museu Nacional, Academia Brasileira de Ciências, Observatório Nacional e da Escola Politécnica.¹⁰

Em 1928, quarenta anos após a chegada do meteorito ao Museu Nacional, o vice-almirante José Carlos de Carvalho tirou uma foto com o diretor do Museu Nacional, Edgard Roquette Pinto (1884-1954), com o Bendegó entre eles, por ocasião do lançamento do livro de José Carlos sobre o histórico do meteorito e sua remoção para o Museu Nacional.

Nestas duas imagens, o meteorito está localizado no *hall* de entrada das exposições do Museu, mas durante o período de reformulação das salas das exposições, a diretora Heloísa Alberto Torres (1895-1977), em sua gestão (1937 e 1955), o Bendegó foi deslocado para a sala de meteorítica. Portanto, entre realizações e frustrações a história do Bendegó atravessou gerações e retornou, em 2005, para seu antigo lugar de destaque no *hall* do Museu Nacional.

Identificamos suas réplicas no Brasil: no Observatório Astronômico de Antares/UEFS, em Feira de Santana/BA, no Museu geológico da Bahia/BA; e no exterior, quando Marcomedes Rangel Nunes, do Observatório Nacional/RJ, realizou a análise histórica (1999) da procura pela réplica em madeira¹¹ reencontrando-a no *Palais de La Découverte* em Paris. Em 1937, o material foi transferido do Museu de História Natural de Paris para o *Palais de La Découverte* por ocasião de sua inauguração. Registro a atuação de Marcomedes R. Nunes.¹²

O ESPERADO RETORNO DE BENDEGÓ AO SERTÃO

A história do maior meteorito encontrado no Brasil é também marcada pela rebeldia da população, pois dois anos após a sua retirada, uma grande seca na região de Monte Santo fez com a comunidade destruísse o marco/obelisco D. Pedro II colocado no local do deslocamento do meteorito, acreditando ter sido consequência de uma maldição.

O meteorito, também citado por Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (NUNES, 2009, p. 48-49), ainda é conhecido na região como *Pedra do Bendegó* e o descontentamento em relação a sua retirada do local é registrado, inclusive, na literatura de Cordel – *A saga da Pedra do Bendegó*. Constituída de 28 estrofes que narram o transporte do meteorito e traduz a insatisfação popular – um cordel de protesto aqui selecionado em apenas 6 estrofes.

Todos conhecem a Caaba,
A pedra dos muçulmanos
Fica no templo de Meca,
Protegida dos profanos
A pedra que veio do céu,
É a crença dos puritanos ..

.
Igualmente ocorreu
No meu sertão da Bahia
A pedra caiu do céu,
Trazendo a profecia
Da vinda do Conselheiro
Que a todos libertaria...

A pedra caiu às margens
Do riacho Bendegó,
Estava claro era um sinal
De Deus na terra do sol
Ficaria cento e dois anos
Sem mover-se a um metro só

Depois de tanto tempo
De fé e procissão
A pedra do Bendegó
Sofreu nova traição
Pois Dom Pedro Segundo
Mandou nova expedição

A pedra constituída
De Ferro, Níquel e encanto.
Até o dia de hoje
Provoca tristeza e encanto
Queremos nossa pedra de volta
De volta pro nosso canto

Advirto ao senhor Presidente
Devolva nossa Tradição
A pedra do Bendegó
Faz parte da religião
O Povo do Conselheiro
Reclama seu coração!

Durante a elaboração do trabalho, recebemos da direção do Museu Nacional/UFRJ uma mensagem, via internet, que continha o seguinte texto: o “Conselho Nacional de Política Cultural CNPC, reunido em Sessão Ordinária nos dias 7 e 8 de Julho de 2011, recomendou que se promova

o retorno do meteorito de Bendegó para o sertão de Canudos na Bahia”. Ninguém ainda teve coragem de perguntar de onde surgiu esta informação.

CONCLUSÕES PARCIAIS

A história deste objeto interliga ciências, artes, tecnologias e religiões. Transportá-lo as dificuldades e suas soluções tecnológicas, replicá-lo como farsa e auto-simulação, a invenção da história na cópia dos seus objetos replicados, seus estudos mineralógicos, adoração e sacralização do meteorito e do lugar de seu pouso. Uma mensagem vinda do espaço que continha para além de minerais exóticos, a benção cósmica a uma terra abandonada por seus governantes.

Motivados por Michel Serres, a história vista de trás pra frente é a que nos interessa, pois é a partir da réplica enviada à França que problematizamos o objeto com as práticas científicas do Brasil no século XIX. (SERRES, 2011).

Sobre esta réplica que não retornou ao Brasil, é, finalmente, em Paris, que seu simulacro lhe dá vida: espelho frente a frente ao outro que o justifica.

¹ No ano seguinte foi feita a primeira tentativa de remoção da pedra, mas a carreta providenciada quebrou e o material foi parar no leito do rio Bendegó, local em que ficou abandonado por 100 anos. Sobre o assunto, ver: Nei Vidal. Revista do Museu Nacional, 1945, p. 5.

² Sobre a carta de Mornay, a comprovação de Wollaston e a confirmação de que uma rocha pode ser um meteorito, ver: Marcomedes Rangel Nunes. A Pedra do Bendegó, que veio do céu. 2009, p. 16.

³ Neste período, o Museu Nacional ficava localizado no Campo de Santana, no Centro do Rio de Janeiro.

⁴ BR MN MN RA 9/f 116.

⁵ BR MN MN RA 9/f 117.

⁶ A obra possui texto em francês e português. Traz a dedicatória manuscrita do autor ao Museu Nacional e apresenta encadernação em couro verde gravado em dourado com o escudo imperial de armas ao centro.

⁷ O prédio onde foi feito o corte era o antigo Armazém do Sal, atualmente abrigando as instalações do 1º Distrito Naval. Por muito tempo ali funcionou a "Oficina de Máquinas".

⁸ Identificamos uma solicitação de 15 de Novembro de 1888 da presidência da província da Bahia encaminhando o pedido do Gabinete de História Natural do Liceu daquela província, solicitando uma lâmina do Bendegó (o meteorito ainda estava a caminho da Corte). BR MN MN RA 9/f 116.

⁹ Marcomedes Rangel Nunes nos informa sobre a realização de duas expedições conjuntas (2002e 2005) do Observatório Antares/UEFS, o Observatório Nacional/MCT e a Associação de Astrônomos Amadores da Bahia.

¹⁰ A visita de Einstein à América do Sul foi propiciada por um conjunto de instituições argentinas que financiaram sua viagem. Sobre o assunto, ver: Alfredo Tolmasquin, Einstein, 2003.

¹¹ Devido a falta de documentos no RJ sobre a réplica, fizemos consulta ao *Palais de la Decouverte* e um dos pesquisadores, especializado em madeiras, respondeu-nos que a madeira parece ser de *chêne* (carvalho).

¹² Marcomedes Rangel Nunes (1951–2010) Físico do Observatório Nacional, era o pesquisador que eu conversava sobre o meteorito de Bendegó. No ano passado, marcamos um encontro no Museu Nacional para discutirmos sobre o meteorito e a pesquisa do doutorado. No dia marcado (12/08/2010), ansiosa eu lá estava, porém ele não apareceu. Meus amigos do Museu tiveram dificuldades de explicar que, pela primeira vez, ele não chegaria conforme o combinado. Em 28 de Julho de 2010, “Marcometa” foi brilhar em outro lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Carlos de Carvalho. *Météorite de bendégo: rapport présenté au ministère de l’agriculture, du commerce et des travaux publics et à la société de géographie de rio de janeiro sur le déplacement et le transport du météorite de bendégo....*Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

CARVALHO, Wilton Pinto de. *Os Meteoritos e a História do Bendegó*. Salvador: W. P. de Carvalho, 1995.

DERBY, Orville A. Estudo sobre o Meteorito de Bendegó. In: *Archivos do Museu Nacional*, v. 9. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1895.

NUNES, Marcomedes Rangel. *A Pedra do Bendegó, que veio do céu. O maior meteorito brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Régis Aló, 2009.

SAGA DA PEDRA DE BENDEGÓ. Luar do Conselheiro. Cordel.

SILVA, Sabrina Damasceno. “*O pedaço de outro mundo que caiu na Terra*”: as formações discursivas acerca do meteorito de Bendegó do Museu Nacional. Rio de Janeiro: 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

SERRES, Michel. *A Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SPIX; MARTINS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Rio de Janeiro: Editora Villa Rica, 1981.

TOLMASQUIN, Alfredo. *Einstein: o viajante da relatividade na América do Sul*. Rio de Janeiro: Veira e Lent Casa Editorial Ltda, 2003.

VIDAL, Nei. Breve notícia sobre os meteoritos brasileiros (Bendegó). In: *Revista do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.